



DOSSIÊ TEMÁTICO - ECOS DAS NARRATIVAS: EGO-HISTÓRIA E BIOGRAFIAS INTELLECTUAIS – UM REPERTÓRIO DE (DAS) HISTORIADORAS NEGRAS NO BRASIL (1990-2020)

Stephane Ramos¹

Flávio Gomes²

Resumo: Entrevistas com 15 historiadoras mulheres negras: Ana Flávia Magalhães, Giovana Xavier, Iamara Viana, Isabel Reis, Lucia Helena Oliveira, Luciana Brito, Lucilene Reginaldo, Kim Butler, Maria Claudia Cardoso, Nilma Accioli, Rachel Harding, Solange Rocha, Valéria Costa, Vanicleia Santos e Wlamyra Albuquerque. Elas abordam suas origens familiares, contextos acadêmicos e influências intelectuais.

Palavras chaves: História intelectual, historiografia e mulheres negras

EGO-HISTORY AND BIOGRAPHIES OF BLACK HISTORIAN WOMEN IN BRAZIL (1990-2020)

Abstract: Interviews with 15 black women historians: Ana Flávia Magalhães, Giovana Xavier, Iamara Viana, Isabel Reis, Lucia Helena Oliveira, Luciana Brito, Lucilene Reginaldo, Kim Butlet, Maria Claudia Cardoso, Nilma Accioli, Rachel Harding, Solange Rocha, Valéria Costa, Vanicleia Santos and Wlamyra Albuquerque. They analyze their family origins, academic contexts and intellectual influences.

Keywords: Intellectual history, historiography and black women

EGO-HISTORIA Y BIOGRAFÍAS DE MUJERES HISTORIADORAS NEGRAS EN BRASIL (1990-2020)

Resumen: Entrevistas con 15 mujeres historiadoras negras: Ana Flávia Magalhães, Giovana Xavier, Iamara Viana, Isabel Reis, Lucia Helena Oliveira, Luciana Brito, Lucilene Reginaldo, Kim Butlet, Maria Claudia Cardoso, Nilma Accioli, Rachel Harding,

¹ Doutoranda em História da UnB. E-mail: stephane.rcosta@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970>

² Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: escravo@prolink.com.br . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2386-7040>

Solange Rocha, Valéria Costa, Vanicleia Santos y Wlamyra Albuquerque. Analizan sus orígenes familiares, contextos académicos e influencias intelectuales.

Palabras clave: Historia intelectual, historiografía y mujeres negras.

EGO-HISTOIRE ET BIOGRAPHIES DES HISTORIENNES NOIRES AU BRÉSIL (1990-2020)

Résumé: Entretiens avec 15 historiennes noires: Ana Flávia Magalhães, Giovana Xavier, Iamara Viana, Isabel Reis, Lucia Helena Oliveira, Luciana Brito, Lucilene Reginaldo, Kim Butlet, Maria Claudia Cardoso, Nilma Accioli, Rachel Harding, Solange Rocha, Valéria Costa, Vanicleia Santos et Wlamyra Albuquerque. Ils analysent leurs origines familiales, leurs contextes académiques et leurs influences intellectuelles.

Mots-clés: histoire intellectuelle, historiographie et femmes noires

POR UMA HISTÓRIA INTELECTUAL NEGRA

Ainda precisamos conhecer mais sobre história intelectual e a partir dela uma história da historiografia da escravidão e da pós-emancipação no *tempo presente*. Identificar inflexões, transformações, influenciadores, paradigmas intelectuais, contextos acadêmicos, instituições, diálogos teóricos, implicações metodológicas, escolhas, silêncios, mercado editorial e orientações políticas. Reflexões historiográficas diversas ganham sentidos quando articuladas as histórias intelectuais, conectando personagens, experiências e contextos de produção.³

Isso explica um projeto nosso desde 2015 e desenvolvido com o apoio da ABPN e especialmente dos editores da Revista da ABPN.⁴ Em 2016 publicamos uma série de entrevistas com Hebe Mattos, João Reis, Maria Helena Machado, Sidney Chalhoub e Silvia Lara, importantes historiadores acadêmicos representantes (há outros mais) das viragens historiográficas do final dos anos 80 e a década de 1990. A principal intenção era que eles avaliassem, comentassem e desenvolvessem memórias sobre os contextos,

³MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Cia das Letras, 2001; REIS Filho, Daniel Aarão (org.), *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000 e SCHMIDT, Benito Bisso. *Memórias e narrativas autobiográficas*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2009

⁴ E fundamental destacar os projetos editoriais da Revista da ABPN e como eles podem ser vistos também a luz de um programa mais amplo de inserção intelectual e acadêmico dos intelectuais negros e negras. Embora com uma duração centenária pensamos aqui no papel da *Journal of Negro History* nos estudos sobre a escravidão e a história negra nos EUA desde as primeiras décadas do século XX. Ver: STEVENSON, Brenda E. "Out of the Mouths Of Ex-Slaves": Carter G. Woodson's *Journal of Negro History* "Invents" the Study of Slavery". *The Journal of African American History*, volume 100, número 4, 2015, pp. 698-720

debates e implicações das suas obras e pesquisas. Este material editado aparece em:

<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/53/50>.⁵

Dois anos depois, em 2018, foi a vez de publicarmos as entrevistas com José Bento Rosa da Silva, Lucilene Reginaldo, Raphael Rodrigues Vieira Filho, Vanicleia Silva Santos e Wilson Roberto Mattos. Com a coautoria na organização com Petrônio Domingues, o principal objetivo era recuperar ego-histórias de uma importante geração de historiadores formados – na pós-graduação – na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Este material editado aparece em:

<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/620>.⁶

Muitas outras entrevistas poderiam ser feitas e intelectuais acadêmicos acionados, tanto para as perspectivas apontadas na publicação de 2016 como naquela de 2018. Tem sido importante investir no conhecimento e reflexão sobre a produção intelectual e acadêmica dos historiadores no Brasil nas últimas décadas, identificando perfis, apontando caminhos, orientações e influências.

Dando continuidade a este projeto sobre história intelectual no Brasil e considerando os historiadores e as temáticas da escravidão e pós-emancipação apresentamos as entrevistas com 15 historiadoras com destaque na produção historiográfica.⁷ Optamos por 15 nomes, mas que poderia alcançar o dobro, levando em conta a vigorosa produção historiográfica atual e a representação de novas gerações de mulheres negras, espalhadas em todo o Brasil.

O parcial êxito destes projetos se deve a generosidade dos envolvidos (entrevistados) que sempre se dispuseram a colaborar. Assim foi em 2016, 2018 e se

⁵ GOMES, Flávio dos Santos. “História, historiadores, ensino e pesquisa em História da Escravidão e da Pós-emancipação”. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), volume 8, 2016, pp. 296-315. Muitas inspirações aparecem em: KELLEY, Robin. “Black Study, Black Struggle”. Boston Review, 2016 [Disponível em: <http://bostonreview.net/forum/robin-d-g-kelley-black-study-black-struggle>]. Ver também: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. As muitas faces da história: nove entrevistas, São Paulo: Unesp, 2000 e principalmente: REGO, José Marcio; MORAES, José Geraldo Vinci de. Conversas com historiadores brasileiros.; São Paulo: Editora 34, 2002

⁶GOMES, Flávio dos Santos & DOMINGUES, Petrônio. Intelectuais negras/negros: gerações, legados e protagonismos – a Geração da Puc-SP”. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), volume 10, número 25, 2018, pp. 346-372

⁷ Agradecemos a Ana Carolina Lourenço, André Chevitarese, Antônio Liberac, Carlos Alberto Medeiros, Cyda Moreno, Iamara Viana, Isadora Mota, Ivanir dos Santos, Joao José Reis, Maria Helena Machado, Matheus Gato, Olivia Cunha, Regina Oliveira, Robson Martins e Valéria Costa com quem trocamos as primeiras ideias (e ouvimos sugestões) entre 2019 e 2020 sobre este projeto de entrevistar *historiadoras negras*. Um agradecimento especial a então direção da ABPN e editoria da RABPN com Anna Benite, Morgana Abranches e Nicea Quintino Amauro.



repete para 2020. Desta vez Ana Flavia Magalhaes, Giovana Xavier, Iamara Viana, Isabel Reis, Kim Butler, Lucia Helena Oliveira, Luciana Brito, Lucilene Reginaldo, Maria Claudia Cardoso, Nilma Teixeira, Rachel Harding, Solange Rocha, Valeria Costa, Vanicleia Santos e Wlamyra Albuquerque foram igualmente generosas. Responderam às minhas perguntas e ofereceram reflexões escritas e articuladas, muito mais do que simples respostas. Cada uma delas apresentou um texto misturando perspectivas teóricas, conceitos, reflexões historiográficas, memórias e abordagens de ego-história.⁸

Este material, no conjunto ou em partes separadas, pode ser lido como um livro de história intelectual sobre os estudos de escravidão e pós-emancipação nas últimas décadas, refletindo trajetórias autorais e contextos de formação. Trata-se de um repertório de intelectuais (mulheres negras) que tiveram a sua formação (há uma ou outra exceção) na última década do século XX, ingressando na graduação e mais ainda na pós-graduação no alvorecer do século XXI.

As historiadoras que aqui aparecem não foram tão somente filhas – algumas bem mais novas e outras mais maduras – de contextos intelectuais e políticos, onde legados do período pós-redemocratização, movimentos sociais, políticas públicas e os/as intelectuais negros e negras eram recuperados. E elas também não foram apenas testemunhas. Fizeram parte – atuando de fato – de processos históricos nas quais eram *objetos* (sua história de descendentes de escravizados) e *sujeitos*, posto que mudavam (e continuam a fazer) rumos e contornos de uma história social e aquela história pública da escravidão, do pós-emancipação, dos usos do passado e do resgate da memória.

A ideia foi organizar materiais para futuras reflexões em *História Intelectual*. Seria tentador começar logo a fazer algumas abordagens diante de narrativas com tamanha vitalidade intelectual. Mas este não era (é) o nosso propósito. Gerar, reunir, organizar e pensar em reflexões de história intelectual são os principais objetivos.

Neste material incluímos uma dimensão transnacional de conexões historiográficas com a participação das historiadoras Kim Butler e Rachel Harding. Elas têm sido influenciadoras, parceiras, testemunhas e personagens evocativas de transformações historiográficas com impactos na diáspora. E há *inter diásporas* intelectuais e diálogos com os *mundos* acadêmicos no Brasil e no exterior. Não é

⁸ Ver: NORA, Pierre. Ensaio de ego história. Lisboa, Edições 70 Ltda, 1989. Uma abordagem sobre historiadoras e suas trajetórias aparece em: LIBLIK, Carmem S. F. Kummer. Uma história toda sua: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990). Curitiba: UFPR, 2019



impossível reconhecer tais interlocuções mesmo que com outros conceitos, ferramentas, personagens e abordagens.⁹

No conjunto estas quinze historiadoras negras se formaram, atuaram ou atuam na FIOCRUZ, FGV, PUC-Rio, PUC-SP, UEFS, UEL, UERJ, UFBA, UFMG, UFPB, UFPE, UFRB, UFRJ, UNB, UNEB, UNESP, UNICAMP, UNILAB, UNIRIO, IF SERTÃO PE e USP, e também em Brown University, Colorado University, Columbia University, Ecole EHES, Harvard University, Howard University, John Hopkins University, Michigan University, New York University, Pensylvania University, Rutgers University, Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique); importantes instituições acadêmicas brasileiras e internacionais. Também fizeram pesquisas ou mantiveram interlocuções com instituições, fontes históricas e arquivos europeus (França, Portugal e Espanha) e africanos (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e África do Sul) e Caribe (Barbados, Cuba, Martinica e Guadalupe).

As narrativas e as trajetórias aqui registradas podem ser pensadas (orientações de leituras) individualmente ou numa perspectiva coletiva e geracional. O que leram, aprenderam, ouviram -- no conjunto -- estas historiadoras negras nas últimas décadas? Como tais memórias foram evocadas e poderão ser confrontadas com outros universos de falas daqui há anos? Optamos por não fazer grandes textos de apresentação para cada entrevista e historiadora. Importantes informações sobre os currículos, produção de livros, capítulos, coletâneas e artigos, prêmios, pós-doutorado, docência e atuações internacionais são fundamentais e necessárias para produzir desenhos de vidas acadêmicas. Mas tais informações estão disponíveis no Lattes (CNPq) e plataformas acadêmicas dos programas de pós-graduação. Mais que isso não informam sobre *temporalidades*, inflexões, dificuldades, oportunidades, decepções, erros e acertos intelectuais. E é justamente nisso que as entrevistas avançaram. Elas narraram caminhos e descaminhos, ofertas e procura, aberturas e limites de trajetórias em construção, alicerçadas por obras consolidadas e pesquisas em andamento. Mundos e movimentos sociais são acionados em narrativas que articulam *passados presentes*.

Propusemos -- com a anuência de todas -- títulos e subtítulos para cada entrevista, tentando organizar assuntos e questões. Esta divisão pode ter alguma utilidade enquanto roteiro de leituras, embora seja uma interferência nossa, como organização editorial.

⁹ Ver as abordagens de WEISNTEIN, Barbara. "Sou ainda uma Brazilianist?"/"Am I Still a Brazilianist?" Revista Brasileira de História, volume 36, número 72, 2016, pp. 195-217.



Lidas ainda neste início de década ou numa posteridade distante do nosso testemunho e delas próprias entrevistadas, este material oferece (reflexões iniciais) *um produto* da história da escravidão e da pós-emancipação. Cruzar gerações, influências, escopos, instituições e suas *agências* pode ser o ponto de partida para recuperar interlocuções e expectativas nem sempre reveladas em agradecimentos, capítulos iniciais de dissertações, teses e livros autorais. Faces invisíveis de percursos intelectuais e acadêmicos que atravessaram dimensões de classe, gênero e raça podem ser aqui auscultadas.

Podemos pensar o conjunto destas narrativas bem mais do que material que supostamente explica “narrativas paralelas e subalternas” de uma potente historiografia contemporânea produzida por intelectuais afrodescendentes, sobretudo, mulheres negras.¹⁰ Não se trata tão somente de legados e contextos se considerarmos que elas são as próprias produtoras destes contextos. Um perigo seria tomar as narrativas destas intelectuais negras como uma homogeneidade. A perspectiva maior – embora com semelhanças e convergências – está na diferença delas enquanto formações, influências e como elas moldaram e tem moldado (e não ao contrário) a produção historiográfica sobre a escravidão e a pós-emancipação.¹¹ Encontramos mais intelectuais negros e negras entrando em contato com ideias e adaptando elas, assim como ambientes acadêmicos sendo modificados pelas experiências de pensamento, inserção, agendas e propostas destes mesmos intelectuais.¹²

Também podemos considerar diferentes gerações de intelectuais – e articular não apenas com intelectuais negras e negros – mais do que “mediadores culturais”.¹³ No caso da produção historiográfica contemporânea, o papel das relações de gênero e os universos de formação e inserção destas historiadoras negras foram de alguma forma a de

¹⁰GOMES, Flávio. Reflexões e projetos: para um pensamento negro nos séculos XIX-XXI (Apresentação). Revista da ABPN, Goiânia, v. 10, n. 25, p. 6-7, mar./jun. 2018.

¹¹ Para uma apresentação com muitas sugestões ver: PEREIRA, Allan Kardec; OLIVEIRA, Felipe Alves de; SOUSA, Fernando dos Santos Baldraia; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu; e ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de. Dossiê Intelectualidades negras e a escrita da história. Revista de Teoria da História, Volume 22, Número 2, Universidade Federal de Goiás, 2019, pp. 1-17

¹² Para outras gerações e intelectuais não acadêmicos podemos dialogar com: GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. Estudos Avançados, volume 18, número.5, 2004, pp.271-284

¹³ Dialogamos aqui com GOMES, Angela Maria de Castro & HANSEN Patricia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo”. In: GOMES, Angela Maria de Castro; Hansen, Patricia Santos (Orgs.) Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

“tradutoras políticas”. A dimensão da “mediação” ganharia mais ingredientes e expectativas multivocais se assim considerássemos como “tradutoras”. A ideia de “tradução” ajuda a evocar universos de “versões” e leituras cruzadas de objetos, tratamentos metodológicos e adaptações teóricas. Isso sem falar das pautas políticas e dos movimentos sociais.

Separar estas dimensões são tão armadilhas como ver só homogeneidades. É possível ver – basta querer enxergar – movimentos acadêmicos teóricos e metodológicos de novas epistemologias. Um desafio seria produzir uma arqueologia da produção historiográfica dos últimos 20 anos e ver como ela foi influenciada (embora não admita) por tais deslocamentos analíticos e metodológicos das historiadoras negras.¹⁴

Recebido em: 01/02/2021

Aprovado em: 15/02/2021

¹⁴ Desafios seria considerar – ao mesmo tempo – a produção acadêmica de intelectuais negras e negros e suas diversas áreas, avaliando diferentes deslocamentos intelectuais e acadêmicos. Ver: TRAPP, Raphael P. “História, raça e sociedade: notas sobre descolonização e historiografia brasileira”. Revista de Teoria da História, Volume 22, Número 2, Universidade Federal de Goiás, 2019, pp. 52-78